

RECUPERAÇÃO E REABILITAÇÃO DO JARDIM DA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Memorandum

GONÇALO RIBEIRO TELLES Arquitecto Paisagista



A recuperação e reabilitação do Jardim da Fundação Calouste Gulbenkian

1. Concepção

A concepção naturalista que presidiu ao projecto do Jardim da Fundação Calouste Gulbenkian, procurou traduzir, em termos actuais, a essência ecológica e mediterrânica das paisagens portuguesas a que, ao longo do tempo, o conhecimento do mundo e o desenvolvimento da economia e da técnica foi acrescentando novas culturas e espécies de outros continentes, sem que, contudo, se alterasse, substancialmente, aquela essência.

Luís de Camões, no canto IX dos Lusíadas, "inventa" a "Ilha dos Amores", algures no Oceano, onde os navegadores vão descansar dos trabalhos que tiveram para chegar à Índia. Prémio concedido pelos deuses aos heróis da epopeia.

É, na paisagem ideal desta ilha mítica, que procuramos apoiar a concepção naturalista e ecológica do jardim.

O Conde de Ficalho, no seu admirável livro "Flora dos Lusíadas", ao analisar a descrição pelo poeta daquela ilha, escreve, negando a localização da ficção poética em qualquer das ilhas dos mares orientais:

Procuramos agora o que era essa ilha, que Vénus e a fantasia do Poeta levariam flutuando ao encontro dos navegadores, e vejamos se pode restar dúvida sobre a sua natureza. A vegetação da ilha vem descrita nas seguintes estâncias do canto IX:

54

Três formosos outeiros se mostravam
Erguidos com soberba graciosa,
Que de gramíneo esmalte se adornavam
Na formosa ilha alegre e deleitosa:
Claras fontes, e límpidas manavam
Do cume, que a verdura tem viçosa:
Por entre pedras alvas se deriva
A sonora linfa fugitiva.

55

Num vale ameno, que os outeiros fende,
Vinhão as claras águas ajuntar-se,
Onde uma mesa fazem, que se estende
Tão bela, quanto pode imaginar-se:
Arvoredo gentil sobre ela pende,
Como que pronto está para afeltar-se,
Vendo-se no cristal resplandecente,
Que em si o está pintando propriamente.



Conde de Ficalho – “Flora dos Lusíadas”, 2ª ed., 1980, p. 45-47

Não se trata apenas de impor a flora mediterrânica, por certo estranha à localização geográfica da ilha mas, também, de descrever uma paisagem, cujas características formais e morfológicas, são apontadas nas estâncias (54, 55, 56 e 57) do canto IX.

Os formosos outeiros da estância 54 do canto IX seriam revestidos por pastagens arborizadas de gramíneo esmalte em tudo idênticas aos do actual montado de sobre ou azinho do nosso país.



Pretendia o poeta que os seus leitores, sentissem a beleza da ilha, comparando-a com uma paisagem deles conhecida. Por certo, a do Vale do Tejo, na confluência deste rio com o Zêzere, sítio onde Camões viveu algum tempo.



57

As árvores agrestes, que os outeiros
Tem com frondente coma enobrecidos.
Almos são de Alcides, e os loureiros
Do louro deus amados e queridos:
Mirtos de Citeraia, cos pinheiros
De Cibele, por outro amor vencidos;
Está apontando o agudo cipariso
Para onde é posto o etéreo paraíso.

58

Os dons que dá Pomona, ali natura
Produce diferentes nos sabores.
Sem ter necessidade de cultura,
Que sem ela se dão muito melhores:
As cerejas purpúreas na pintura;
As amoras, que o nome tem de amores;
O pomo que da pátria Pérsia veio,
Melhor tornado no terreno alheio.

59

Abre a romã, mostrando a rubicunda
Cor, com que tu rubi, teu preço perdes;
Entre os braços do ulmeiro está a jucunda
Vide, cuns cachos roxos e outros verdes:
E vós se na vossa árvore fecunda,
Péras piramidais, viver quiseredes,
Entregai-vos ao dano que cos bicos
Em vós fazem os pássaros inimicos.

Na idealização do Jardim procurou-se que, a forma dos bosques e clareiras, a presença da água, o contraste da luz e da sombra, respondessem ao apelo duma cultura mediterrânica e à essência das nossas paisagens. Apelo que se mantêm no projecto de recuperação e reabilitação em curso.

Também o poeta, naquele canto, referencia, o sentido franciscano da nossa cultura, ao valorizar, na descrição da ilha, as coisas humildes e pequenas da natureza.

56

Mil árvores estão ao céu subindo,
Com pomos odoríferos e belos:
A laranjeira tem no fruto lindo
A cor, que tinha Dafne nos cabelos:
Encosta-se no chão, que está caindo
A cidreira co's pesos amarelos;
Os formosos limões, ali cheirando
Estão virgíneas tetas imitando.



60

Pois a tapeçaria bela e fina,
Com que se cobre o rústico terreno
Faz ser a de Aqueménia menos dina,
Mas o sombrio vale mais ameno,
Ali a cabeça a flor cefisia inclina
Sóbolo tanque lúcido e sereno:
Florece o filho e neto de Ciniras,
Por quem tu, deusa Páfia, inda suspiras.

61

Para julgar difícil cousa fora,
No céu vendo, e na terra as mesmas cores,
Se dava às flores cor a bela Aurora,
Ou se lha dão a ela as belas flores,
Pintando estava ali Zéfiro e Flora
As violas, da cor dos amadores:
O lírio roxo, a fresca rosa bela,
Qual reluze nas faces da donzela:

62

A cândida cecém, das matutinas
Lágrimas rociada, e a manjerona;
Vêem-se as letras nas flores hiacintinas,
Tão queridas do filho de Latona;
Bem se enxerga nos pomos e boninas,
Que competia Clóris com Pomona:
Pois se as aves no ar cantando voam,
Alegres animais o chão povoam.



2. A caminho do meio século

O Jardim está prestes a concluir meio século de existência. O crescimento da vegetação fez surgir novos ambientes e panorâmicas.

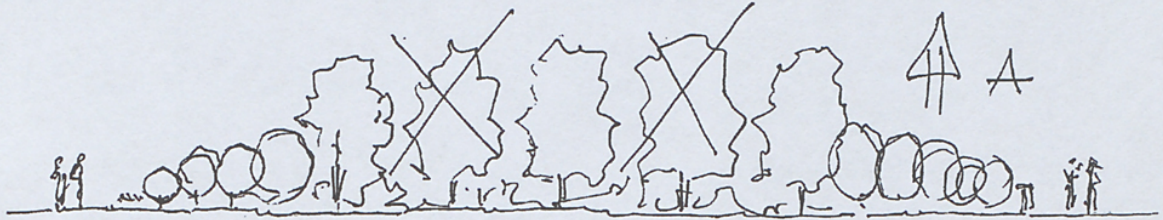
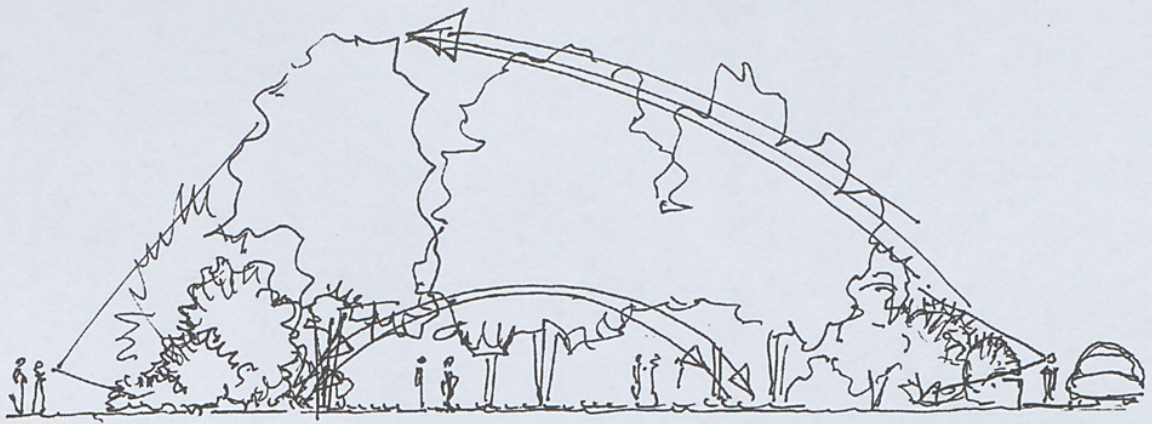
Muitas árvores, plantadas nos primeiros anos, atingiram as dimensões próprias da sua espécie. Algumas, das então já existentes, continuaram a ter uma presença notável e a caracterizarem vários lugares atestando a continuidade da vida no Jardim desde o seu passado como quinta de recreio e parque.

Os maciços arbustivos das orlas da periferia que defendem o Jardim do ruído do trânsito local e das vistas próximas apresentam algumas aberturas na sua face voltada para o exterior que é necessário colmatar.

Tal facto, deve-se à concorrência entre as plantas e também à abertura pelas pessoas de "trilhos" de passagem clandestinos.

Na face voltada para o interior a degradação de forma natural dos arbustos devido ao corte sistemático dos seus ramos inferiores que tem por objectivo facilitar a plantação de herbáceas vivazes ou o corte do relvado.

Esta atitude afastaria, gradualmente, o Jardim da concepção que presidiu à sua criação procurando integra-lo no convencionalismo, ainda hoje persistente, do Jardim público novecentista.



A - Gestão racional
B - " " convencional

Verificou-se, também, que o sistema de rega "gota a gota" não se adaptou à vegetação do jardim devido ao conceito naturalista e silvestre da sua estrutura e composição.

O crescimento das árvores e dos arbustos também obriga a uma revisão da iluminação e dos focos de luz e ao desenvolvimento de um sistema de sinalética integrado no contexto espacial e vegetal do Jardim.

No Jardim foram construídos os Centros de Arte Moderna e de Iniciação Artística Infantil, e implantado um roseiral não previstos no plano inicial.

O número de visitantes, especialmente de grupos escolares, tem gradualmente vindo a aumentar. A não existência na cidade de Lisboa de uma estrutura verde capaz de responder às actuais solicitações da sociedade contemporânea é a principal causa desta afluência que ultrapassa a capacidade de suporte do Jardim.

O Jardim Gulbenkian é hoje uma referência de modernidade e, como tal, não pode deixar de ser considerado na estruturação ecológica e cultural da cidade.

Ambos estes factos não podem deixar de se ter em conta neste projecto de recuperação e reabilitação.

A capacidade de uso público do Jardim não pode ser ultrapassada sem grave risco para a sua integridade.

3. Projecto de recuperação e reabilitação

Tem por objectivo defender e recuperar a forma e concepção que presidiu à realização do Jardim, consolidando a sua estrutura ecológica, valorizando panorâmicas, abrindo novos caminhos e lugares amenos de estar.

O desenvolvimento das árvores permite um maior contraste entre os espaços batidos pelo Sol e as áreas cobertas pela sombra, criando ao longo do ano e do dia diferentes ambientes de temperatura e a luz.

É agora possível, face a um maior coberto de sombra das copas das árvores, a reabilitação, como bosques, de espaços até antes impenetráveis onde se podem criar lugares de estar e traçar novos percursos.

O desenvolvimento da vegetação, ao longo dos últimos 50 anos, permite agora definir melhor esteticamente a presença dos elementos naturais que constituem o Jardim:

1. O céu e a água;
2. A morfologia e o manto vegetal;
3. A memória e a cultura.
4. Operacionalidade

1. O céu e a água

Ambos são elementos essenciais da vida e, também, componentes estéticos da paisagem, sempre presentes. Os lagos, os riachos e as margens húmidas, constituem um sistema estruturante de continuidade e movimento que permite uma leitura integrada do Jardim.

A água, para além da sua função ecológica e ambiental, tem uma relação permanente de reflexão da luz que irradia do céu, transfigurando os espaços ao longo do ano e com o correr do dia.

A presença da água, para além de constituir um valor ambiental e estético, permite desenvolver a vida silvestre do Jardim – principalmente, no que diz respeito, à fauna aquática e às aves – uma vez que já existem biótopos que tal possibilitam.

A superfícies de água, nos lugares onde as árvores têm fustes bem definidos podem transfigurar a verticalidade destas, reflectindo as árvores e

invertendo a sua imagem. O céu que é luz e cor sente-se também através desta inversão e pelos raios de Sol que atravessam as copas das árvores.

2. A morfologia e o manto vegetal

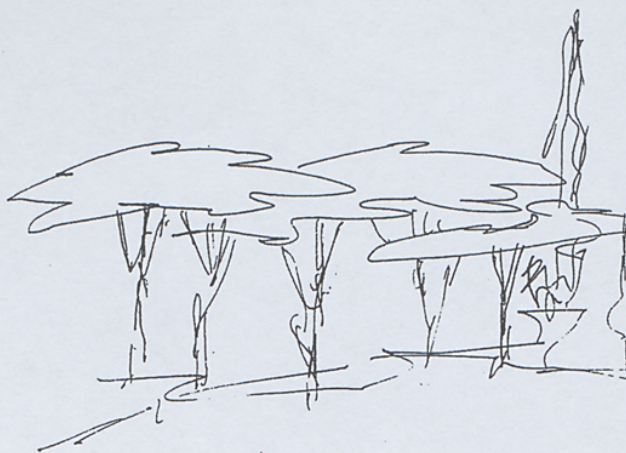
A morfologia implica que a distribuição e forma da vegetação se estabeleça segundo os princípios e imposições da ecologia.



- Os carvalhos descem as encostas e ocupam, pontualmente, as sebes exteriores.



- Os choupos, freixos e amieiros surgem nas áreas côncavas.



- Os pinheiros mansos e os ciprestes dominam nas áreas convexas.

A mata que estrutura a protecção dos ambientes e a defesa da intimidade dos espaços, é constituída por bosques e sebes.

A base da sua composição botânica é a flora silvestre.

Nos bosques é já possível definir as "orlas" e um interior de "altos fustes" rematado superiormente por uma abóbada vegetal cuja transparência e luz alterando-se ao longo do ano e das horas do dia permite novos ambientes.

Os prados e relvados das clareiras e dos espaços abertos, sobre o lago, adaptam-se à utilização pelo público em cada caso.

Os prados terão percursos e uma presença estética de harmonia com a concepção silvestre do conjunto e o correr das estações.

Os relvados serão utilizados como recreio e lugar repousante.

No que diz respeito ao manto vegetal o projecto consta de:

- a) A remodelação e revigoramento dos maciços arbustivos existentes. A reorganização da vegetação marginal do lago e dos cursos de água.
- b) A densificação da orla exterior e das orlas interiores que bordejam os percursos.

- c) A renovação do arvoredado que deverá ser feita, gradualmente, utilizando as mesmas espécies ou, em casos particulares, com base em espécies das mesmas estações ecológicas.
- d) Os relvados utilizados por crianças ou adultos devem ser mantidos e melhorada a sua composição.

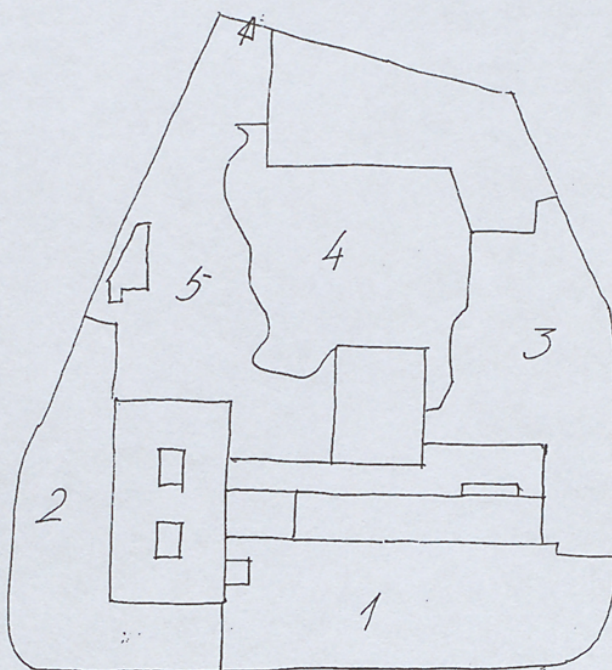
3. A memória e a cultura

No Jardim a vegetação recupera o espaço e as formas tradicionais da paisagem portuguesa que tem como paradigma a quinta histórica de recreio constituída pela mata, pelas culturas e pelos lugares de prazer ou seja, nela estão presentes a vida silvestre, a produção e o recreio. Os espaços articulam-se permitindo a descoberta de sucessivas surpresas e diferentes ambientes.

4. Operacionalidade

Para efeitos de operacionalidade divide-se o jardim em quatro unidades de intervenção.

Estas unidades são atravessadas pelos elementos de composição do manto vegetal do Jardim.

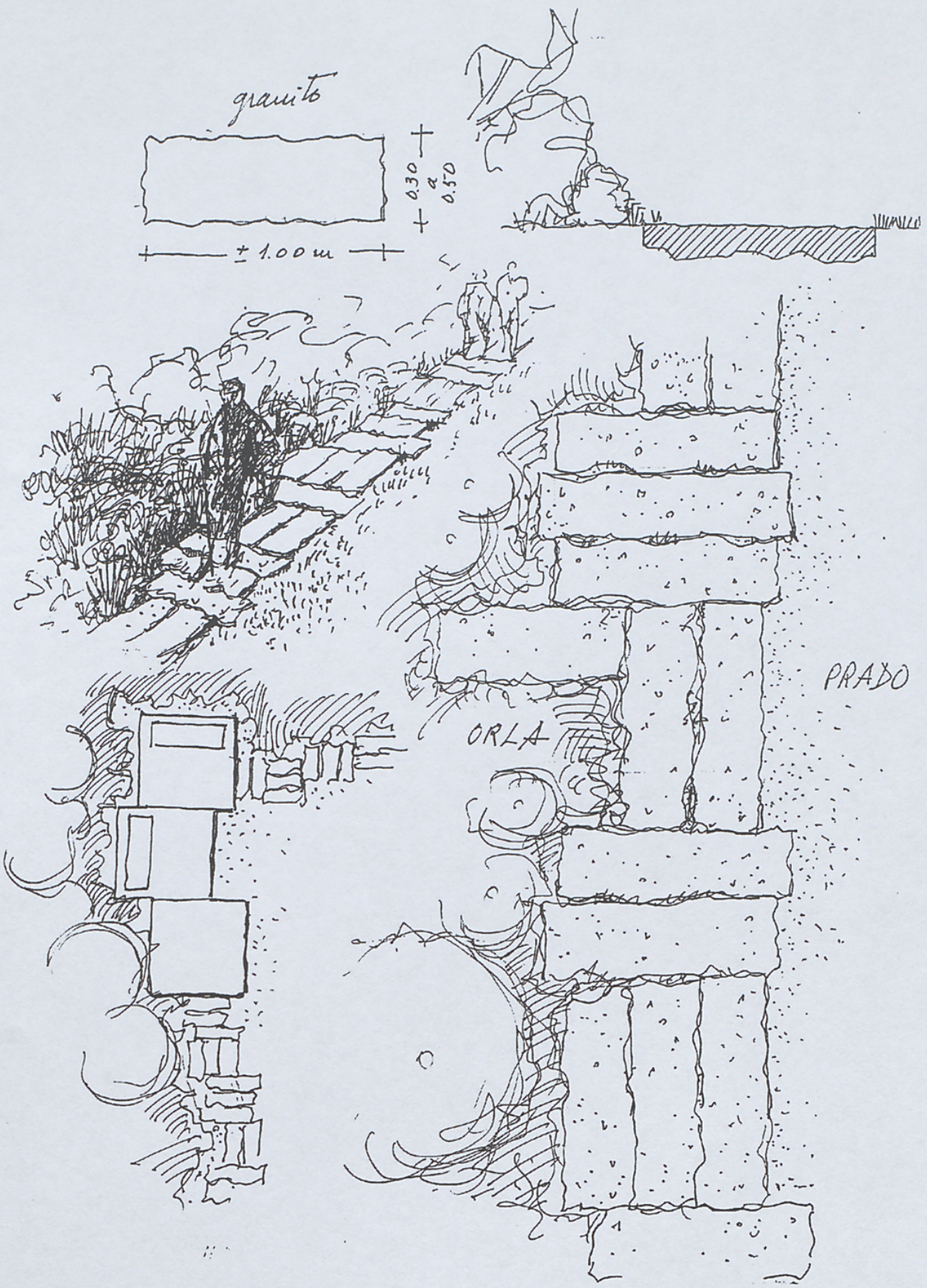


Unidade 1

Compreende a zona fronteira à entrada do edifício sede. Pretende-se que seja um espaço aberto à cidade e ao acesso de peões e veículos.

A intervenção limita-se a densificar a vegetação da orla exterior e a valorizar o espaço fronteiro ao edifício por este ser uma primeira referência à essência do Jardim e à relação deste com os volumes edificados.

Transforma-se, gradualmente, o relvado convencional num prado de composição botânica mais complexo para que melhor se integre no contexto natural e ecológico do Jardim. O aveludado do verde, o movimento provocado pelas brisas, as alterações de cor ao longo do ano e a mais variada composição ecológica das espécies permitem uma presença dinâmica que acompanha com o correr das estações. A recuperação da orla arbustiva exterior eliminando as aberturas de vistas que hoje, apresenta para a Avenida de Berna, é outro objectivo a considerar no projecto.



Unidade 2

O Jardim estende-se ao longo do edifício do Museu, do lado norte e nascente, entre a orla exterior e as orlas que, por vezes acompanham o percurso de lajes de betão e definem uma sucessão de clareiras de prado, batidas pelo Sol. O percurso de lajes permite uma perspectiva que vence a distância e reflecte os contrastes de luz e sombra.

O desenvolvimento da vegetação da orla exterior e das orlas interiores permite criar um novo caminho interior que atravessa um ambiente fresco e sombrio que convida no jardim a uma visão minimalista da vida. Estamos no mundo íntimo das coisas mais simples e humildes que contrasta com a leitura alargada e de maior profundidade dos espaços exteriores.

Este trilho interior encontra a presença destacada dum "Crataegus" de excepcional volume e de um grupo de "Ficus" cujas copas formam uma abóbada vegetal transparente que permite, ao solo, a existência de fetos arbóreos e de um ambiente fresco, durante o Verão.

Uma depressão do relevo do terreno permitiu a criação dum charco com nenúfares que surge neste percurso, como uma surpresa, ao descobrir-se o Jardim. O lago é o elemento principal de um espaço concreto com autonomia estética e ambiência própria.

O relvado fronteiro à biblioteca, recreio habitual de crianças, é um espaço de grande serenidade, onde os choupos e os amieiros, justificam a superfície plana do relvado para a qual descem as encostas adjacentes. O ondulado favorece o recreio das crianças e permite a leitura da encosta norte sem a presença visível do murete que suporta a sua base.

Ao longo da encosta nascente, cuja cumeada, separando o Jardim da Avenida contígua contribuí para a diminuição do ruído do trânsito daquela artéria e protege o jardim das inundações possíveis naquela zona da cidade. Um passadiço situado a meio da encosta permite a ligação do caminho que passa pelo espaço dos fetos e pelo charco dos nenúfares, à entrada nascente do Jardim e Centro de Iniciação Artística Infantil, evitando os degraus que prejudicariam o passeio dos deficientes.

A vegetação que acompanha, dum lado e outro, o passadiço formará um túnel com aberturas de vista para o relvado da biblioteca.

Tanto o passadiço como o relvado dão acesso a uma rampa que termina no portão nascente e penetra na (Unidade 4) zona do lago.

Unidade 3

No lado poente do Jardim existiu um maciço de ulmeiros que desapareceu devido a um ataque, comum a esta espécie, de "Graphium Ulmii". Entre a "orla" de protecção à Avenida António Augusto de Aguiar e a que acompanha o caminho de lajetas que conduz ao anfiteatro desenvolveu-se um matagal impenetrável em que se destaca um grupo de lodãos e dois eucaliptos.

O espaço entre as duas orlas integra-se, portanto, na compartimentação que caracteriza o Jardim.

As copas dos lodãos dão, a esse espaço, uma luminosidade que varia ao longo do dia e do ano, permitindo criar no lugar um ambiente especial de frescura e sossego, o que é bastante importante no Verão.

Trata-se, de criar um "bosque" onde, no seu interior, a existência de "charcos" circulares reflectindo as árvores, como num espelho, invertem a verticalidade dos fustes.

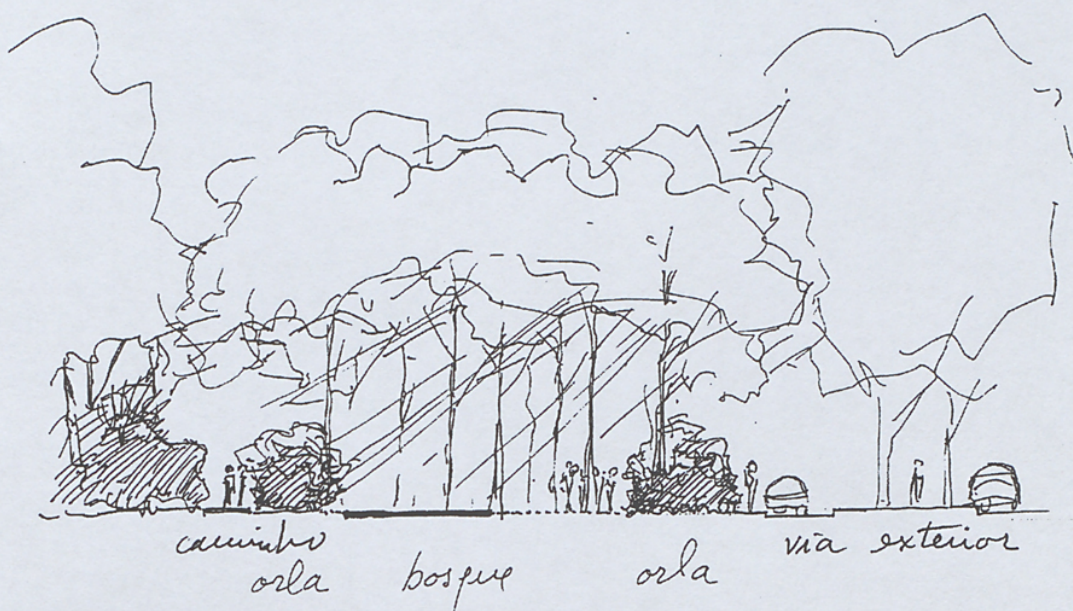


Os "charcos" permitem que a água seja uma presença constante no Jardim e um elemento de unidade da própria composição.

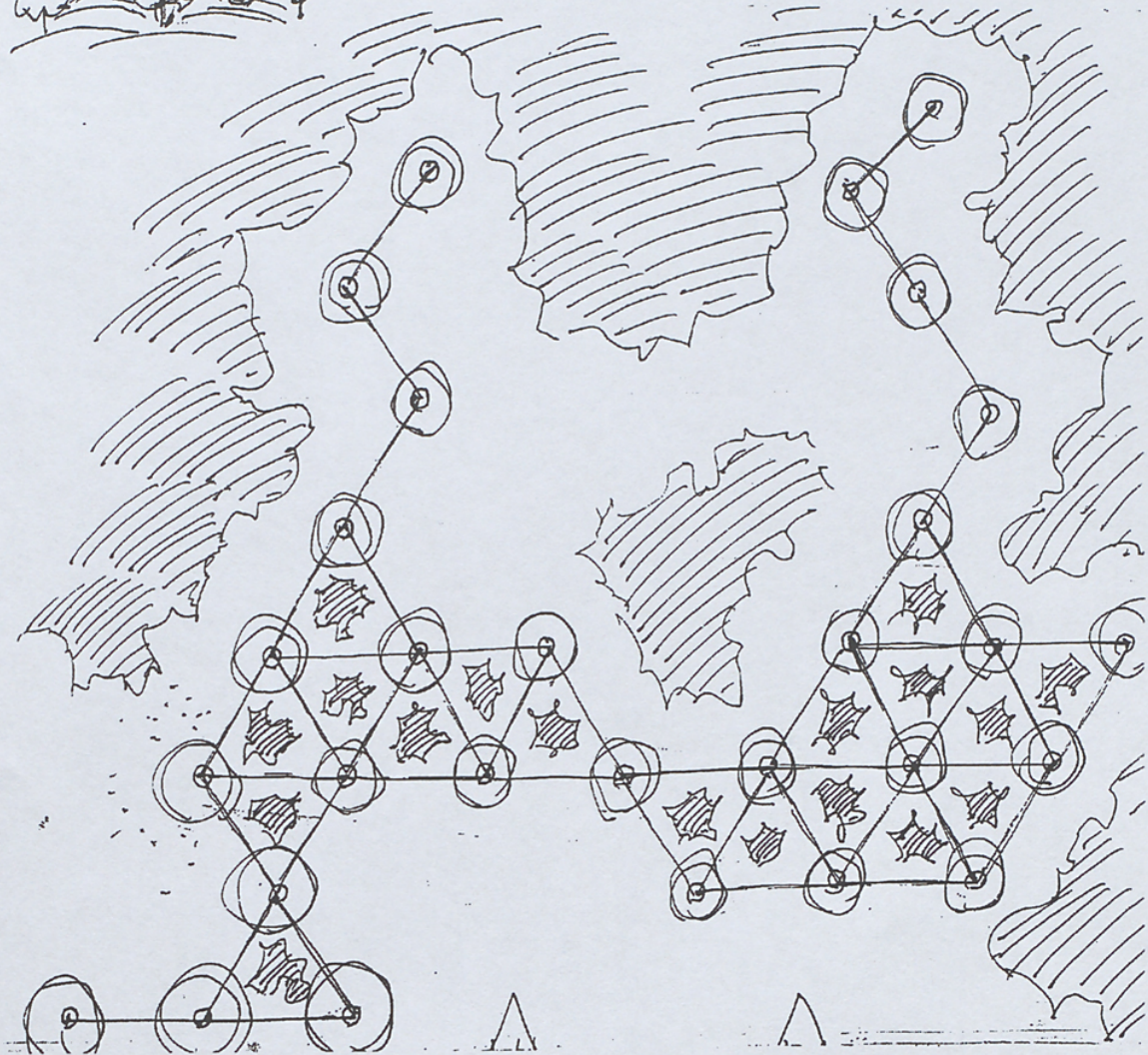
O "chão" do bosque pretende mais convidar ao deambular e ao estar do que ser um percurso de atravessamento e mesmo de passeio.

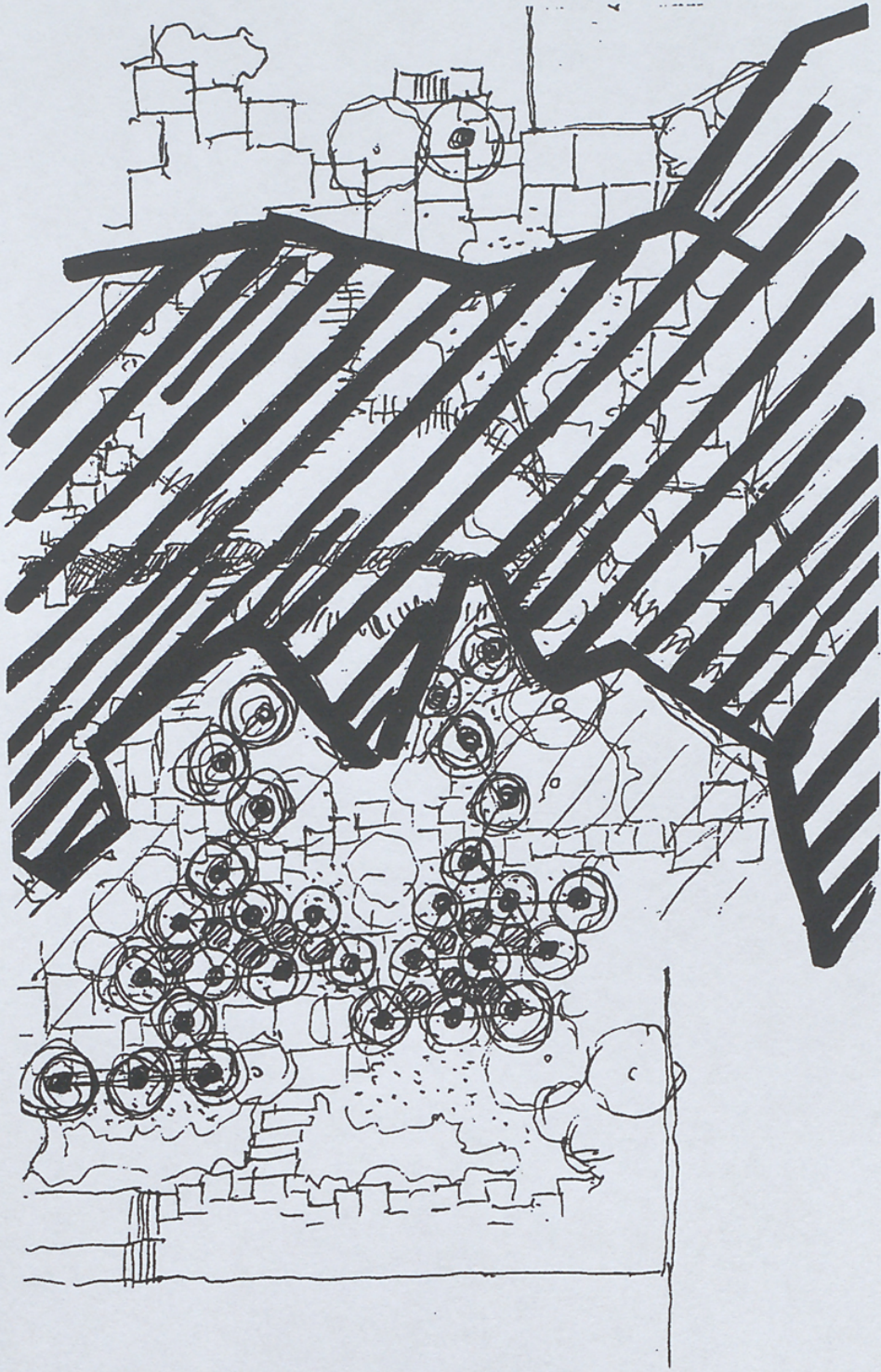
A cor do solo contribui também para a autonomia estética do bosque.

O coberto de lodãos deverá prolongar-se para o maciço arbóreo da Unidade 4, sem contudo, comprometer a estrutura compartimentada arbustiva do Jardim.



Substituindo, gradualmente, as roseiras decrépitas, do chamado roseiral, propõe-se nesse lugar a criação dum bosque de "Betula Celtiberica" que como que surgindo do edifício, se perde no bosque de lodãos posterior. Será um espaço calmo e de paz para quem o observar dos auditórios. O sub-bosque deste conjunto será constituído por azevinhos cuja cor, verde escura, da folhagem contrastará com o tronco branco dos videiros enquanto o vermelho das bagas pontuarão, o quadro.





Unidade 4

Compreende a área entre as margens norte e poente do lago e o edifício do Centro de Arte Moderna.

O projecto de recuperação e reabilitação tem por objectivos:

1. Procurar reforçar os maciços arbustivos.
2. Criar um caminho ao longo da margem sul do lago que proporcione um passeio com vistas razantes sobre aquela superfície de água.
3. Valorizar, no percurso já existente, lugares que permitam vistas panorâmicas sobre o lago.
4. Depurar de vegetação invasora ou envelhecida, o interior dos maciços existentes.



O caminho marginal do lago, permitirá disciplinar o passear das pessoas, e tirar partido de vistas rasantes sobre o lago.

Pretende-se, também, ligar o caminho superior ao marginal criando-se criar diferentes pontos de vista sobre a superfície do lago.

Há que promover a substituição de pequenos relvados por maciços arbustivos e manchas de herbáceas vivazes e regenerar a vegetação nas encostas mais declivosas.

5. O pinhal manso, fronteiro à fachada norte do Centro de Arte Moderna, tem como objectivo integrar este edifício na paisagem do jardim contribuindo para uma presença mais discreta do seu volume.



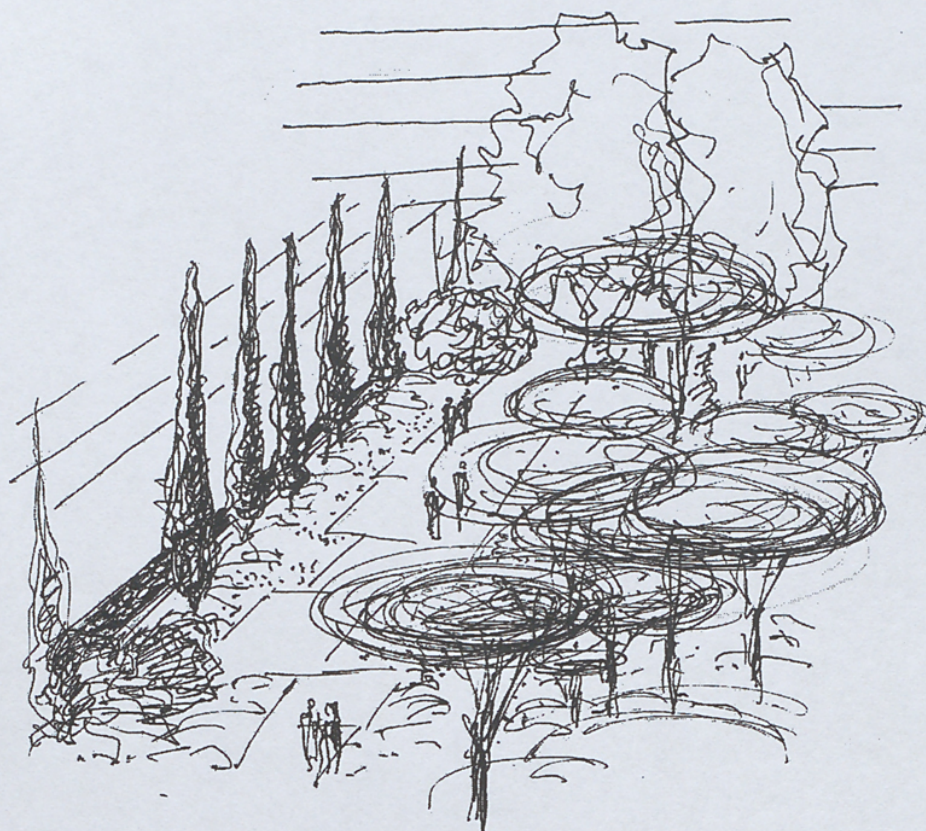
Trata-se de criar um plano que, sem ocultar o edifício do Centro, contribua para valorizar as vistas sobre ele, quer do próprio Jardim, quer do edifício sede.

Os pinheiros plantados são de diferentes alturas o que concretiza a ideia, a continuidade, a vida devido à possibilidade de renovação gradual dos pinheiros sem afectada a forma do conjunto e a sua função ambiental.

O pinhal é ainda valorizado por teixos cuja a forma se conjuga com a estrutura colunar dos troncos dos pinheiros.

O solo do pinhal será revestido por vegetação arbustiva da formação clímax cuja composição deverá acompanhar o ensombramento provocado pelo desenvolvimento das copas.

6. O pinhal valoriza a fachada do Centro de Arte Moderna voltada para o lago, mas é também necessário obstruir a vincada presença visual dos prédios da Av. António Augusto Aguiar. Para tal prevê-se a plantação de um alinhamento de ciprestes ao longo do tanque que acompanha aquela fachada e de um eucalipto de floração vermelha. O tanque, com uma interessante perspectiva da plataforma superior da entrada do centro, será revestido de nenúfares de várias cores que acompanham, ao nível da superfície da água, aquele alinhamento, valorizando também a fachada do edifício.



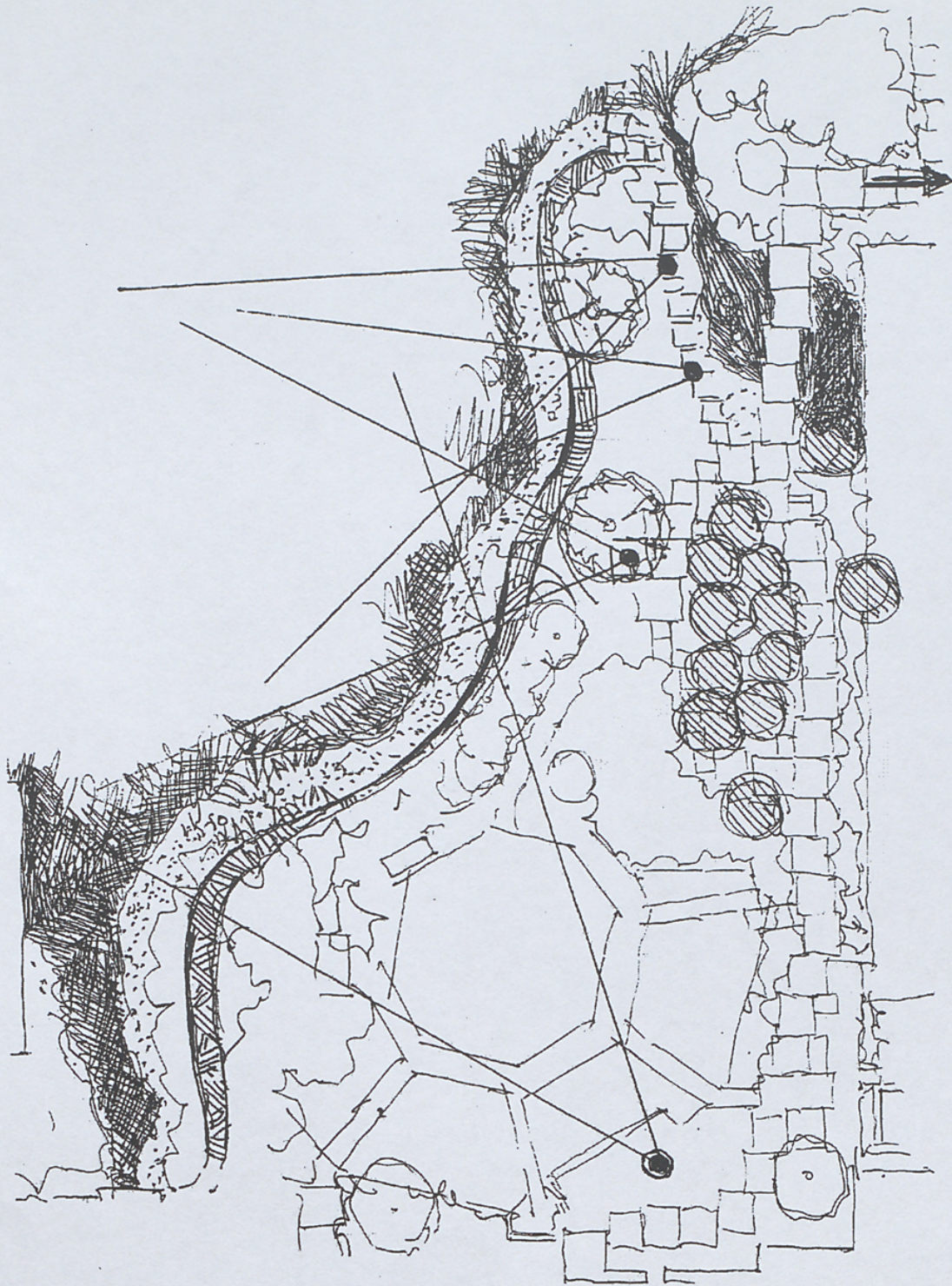
Unidade 5

Esta zona compreende as encostas norte e nascente do lago. A reabilitação abrange a vegetação húmida da margem do lago e dos seus cursos afluentes, a substituição de pequenos relvados, por revestimentos

herbáceos de sombra e meia-sombra, operação necessária devido ao aumento do ensombramento, resultante do crescimento das árvores e dos maciços arbustivos.

A recuperação de aberturas de vista é também necessária tendo por objectivo acentuar o recorte das formas de vegetação anteriormente prejudicadas pela existência das orlas de herbáceas que bordejavam a mata e as sebes.

A saída do Centro de Iniciação Artística Infantil poderá permitir a transformação do edifício num elemento de valorização do Jardim como "miradouro" e lugar de estar.



4. Ampliação

A prevista ampliação do Jardim da Fundação Gulbenkian permite continuar, ou melhor completar, a concepção que presidiu à criação do Jardim e que está presente no actual projecto de recuperação e reabilitação.

O Jardim da Fundação Gulbenkian, procura integrar-se numa poética de paisagem mediterrânica e na afectividade, própria do sentir franciscano, da nossa cultura pela vida silvestre e pela intimidade dos lugares.

As nossas quintas históricas, são bem exemplos desta atitude polivalente, onde a vida silvestre da mata se articula com o "jardim" e, as flores dos alegretes com os primores da horta e os frutos dos pomares a que, a água dos tanques, correndo nas caleiras, dá vida.

As quintas históricas e as cercas conventuais são testemunhos (em vias de desaparecimento), de como em espaços limitados, pode surgir como que um microcosmos representativo da nossa atitude perante a natureza e a paisagem. São por isso um modelo de ordenamento do território que está a ser seguido no planeamento de muitas urbes visto que, hoje, é necessário conjugar a protecção ambiental, a estabilidade física, a produção de alimentos e o recreio com a estrutura urbana duma cidade.

As componentes culturais essenciais da estrutura das quintas de recreio e cercas conventuais são a mata, o horto, o pomar de caroço, o laranjal e o jardim.

A mata garante a presença da natureza silvestre e integra o espaço da quinta ou da cerca no "contínuo" natural da paisagem envolvente.

A sensibilidade poética do "Jardim" prolonga-se por todos os espaços cultivados, hortos e pomares; ao longo dos caminhos, por vezes, cobertos de latadas e pérgolas; acompanhando a circulação da água pelas caleiras, desde os tanques até às áreas regadas; surge sebes que compartimentam os diferentes espaços cultivados; nos alegretes com bancos, no roseiral de flores de corte. O Jardim propõe percursos e lugares de estar e paz.

Este significativo espírito da nossa arte paisagista, integrou-se na concepção que presidiu à criação do Jardim da Fundação em que o paradigma foi a "Arcádia" e a "Ilha dos Amores" tendo por fundo essencial a natureza silvestre.

Na actual extensão do Jardim da Fundação desenvolveu-se uma concepção naturalista.

Na área de ampliação prevista sucederia, integrado na anterior concepção naturalista, um jardim desenvolvido na complexidade formal e cultural do termo. O paradigmas serão, agora, "Os Jardins de Alcínoo" como o foi das nossas quintas de recreio.

OS JARDINS DE ALCÍNOO (VII. 112-132)

Fora do pátio, cerca das portas, um grande jardim
de quatro jeiras; cerca-o uma sebe a toda a volta.
Aí crescem altas árvores viçosas,
pereiras e romãzeiras, e macieiras de frutos luzidios
doces figueiras e oliveiras frondosas.
Nunca o seu fruto se perde ou deixa de produzir,
quer seja inverno ou verão; duram sempre.
O Zéfiro, que sopra sempre, faz criar uns, e outros sazonar.
Uma pêra amadurece sobre outra, uma maçã sobre a maçã,
o cacho sobre o cacho, o figo sobre o figo.
Ali está plantada uma vinha muito fértil.
Num lado, num espaço de terreno liso,
está a secar ao sol, e colhem-se já os cachos,
e pisam-se outros. Em frente estão uvas verdes
que largam a flor, outras começam a amadurecer.
No extremo do jardim, crescem alegretes cuidados,
com plantas de toda a espécie, todo o ano verdejantes.
Há também duas fontes; uma irriga o jardim todo;
outra vai passar sob o limiar do pátio,
a caminho do palácio altaneiro. É lá que os da cidade se abastecem.
Tais eram as dádivas esplêndidas dos deuses a Alcínoo.

GRÉCIA (*Odisseia*)

in Rosa do Mundo — 2001 Poemas para o Futuro

(tradução de Maria Helena da Rocha Pereira)

No projecto de recuperação inclui-se a possível ligação do Jardim à área a integrar e um primeiro esboço da ideia proposta.

A área, a integrar no Jardim da Fundação, também pertencia ao antigo parque de Santa Gertrudes, e está separada das vias contíguas por um muro com ameias, onde se abre a entrada principal deste parque em frente ao Palácio.

A referida área está separada do actual Jardim da Fundação por um muro de suporte, com cerca de três metros de altura e pelo Centro de Arte Moderna.

A ligação do Jardim a integrar poderá fazer-se pelo topo sul da "unidade 4" ao lado da actual entrada para os viveiros.

Junta-se uma ideia de como poderá ser realizada tal ligação.

Para melhor se entender do que deverá ser a ampliação do Jardim estabeleceu-se um programa que só poderá dar lugar a um primeiro esboço após a elaboração de um levantamento topográfico e de uma inventariação da vegetação existente.

Uma alameda central desenvolve-se, a partir da meia-laranja da entrada principal até à ligação ao actual jardim sucedem-se, dum lado e outro, o horto, o pomar de caroço, o laranjal, o roseiral e o jardim de alegretes que são envolvidos por latadas e pérgolas.

A água circulará por caleiras a partir de dois tanques, situados dum lado e outro do interior da meia-laranja da entrada de S. Sebastião.

Estes tanques deverão ter canteiros de flores à superfície da água como sucede em muitas quintas do Alentejo, nos jardins do Bispo, em Castelo Branco e em Conimbriga.



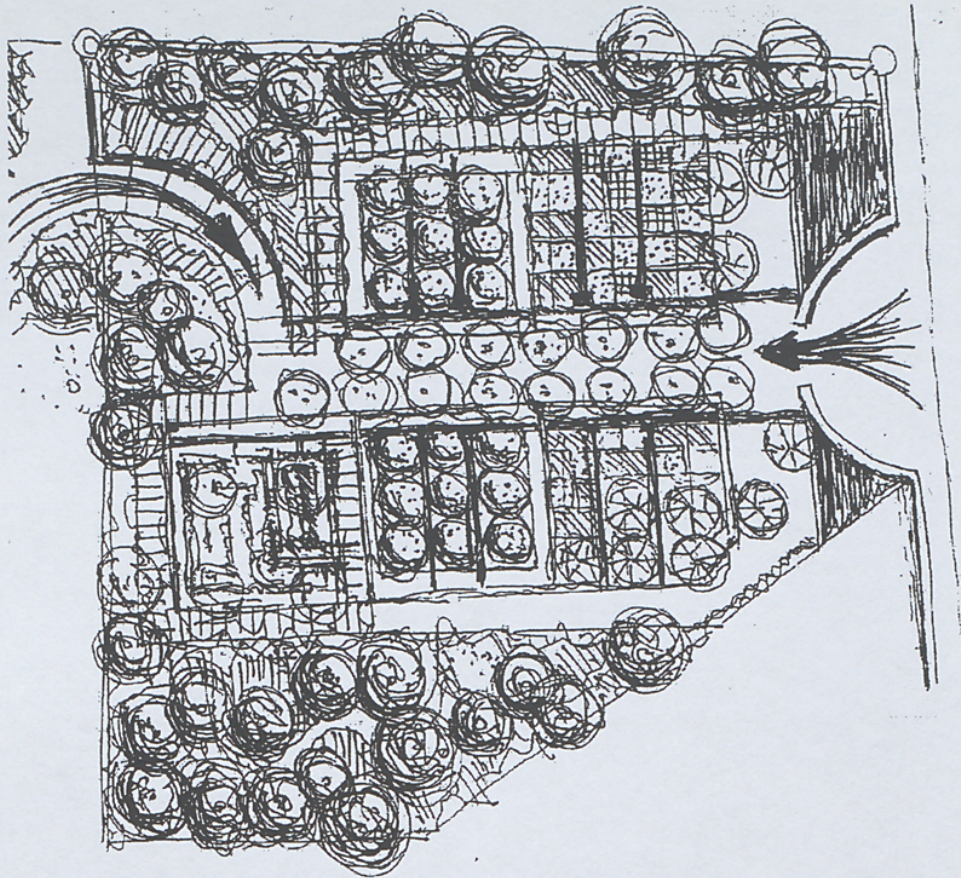
A mata e as sebes envolverão esta estrutura de espaços cultivados como sucede no jardim existente em relação aos relvados, prados e lagos.

Julga-se que o muro existente de significativo valor cultural e estético deverá continuar a limitar a ampliação, dada as características do jardim previsto.

A mata compartimentará os espaços onde se desenvolverá a arte do jardim desde o horto, ao laranjal, e pomares até ao roseiral e aos alegretes, desde o horto primogénito até às formas complexas que definem o Jardim como lugar de produção, protecção e recreio, no mais profundo sentido deste termo.

O "Jardim" da nova área, propõe-se que seja portanto, como que um complemento à natureza silvestre, já existente, num contexto em que ele é a face lúdica, cultivada, e produtiva.

Ao desenvolvimento da sensibilidade e do conhecimento da essência silvestre da natureza proposto no Jardim existente sucederia, no novo espaço, uma tradução contemporânea, a quietude e poética dos Jardins de Alcino e da nossa quinta de recreio.



LATADA

